

ELENCANDO PRINCÍPIOS PARA A PESQUISA ETNOGRÁFICA VIRTUAL EM EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA¹

INVENTORING PRINCIPLES FOR VIRTUAL ETHNOGRAPHIC RESEARCH IN e-LEARNIG

KUCHARSKI, Marcus Vinicius Santos²
Doutor em Educação UTFPR
mkucharski@utfpr.edu.br

Resumo

A pesquisa brasileira sobre Educação a Distância (EAD) tem crescido exponencialmente desde 1996, quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) abriu as portas da Educação Superior também à modalidade. Entretanto, o grande número de estudos nacionais sobre o assunto tem feito transparecer uma lacuna na investigação sobre aspectos da vivência e das manifestações culturais – especialmente relacionais – que se estabelecem em ambientes virtuais de estudos. Parte da lacuna se deve a um receio científico de não se estar em posse do instrumental correto para o trabalho, receio que advém, em boa parte, de um momento de dúvida da academia sobre a natureza cultural das comunidades virtuais: seriam novas culturas gestadas pelas possibilidades das tecnologias de informação e comunicação (TIC) ou manifestações culturais virtuais adaptadas daquelas já presentes no “mundo real”? Baseado em trabalhos de ponta sobre o assunto, especialmente no da autora inglesa Hine (2005 e 2008), que prega adaptações importantes aos princípios tradicionais da pesquisa etnográfica (como os de GEERTZ, 1989) para a investigação cultural virtual, e fundamentado no entendimento das comunidades virtuais como formações sociais discursivamente delimitadas, propostas por Mey (2001), este artigo pretende provocar um pouco mais a discussão do assunto propondo que a superação da lacuna observada depende, antes de tudo, de uma atitude (pro)positiva diante da dimensão do desafio. O artigo, resultado de um esforço epistemológico para construir base metodológica para pesquisas que temos realizado sobre fatores relacionais em ambientes virtuais, também propõe quatro supercategorias de pesquisa que se pretendem mais estáveis para a investigação cultural de grupos no ciberespaço e uma proposta inicial de encaminhamento da pesquisa pelo viés da manifestação linguística, sem intenção de ser uma receita metodológica.

Palavras-chave: Educação a distância; Etnografia virtual; Ambientes virtuais de aprendizagem; Pesquisa em Educação; Métodos virtuais.

¹ Texto originalmente apresentado no Seminário Internacional de Educação – Educere (2008) da PUCPR, sob o título Pesquisa cultural em ambientes virtuais de Educação: provocações e pontos de partida. Foi revisado, atualizado e ampliado para esta publicação.

² Licenciado em Letras (PUCPR, 1996), Especialista em Língua Portuguesa e em Literatura Brasileira (PUCPR, 1999), Mestre em Educação – Formação de Professores e Pensamento Educacional Brasileiro (PUCPR, 2004), Doutor em Educação – Teoria e Prática Pedagógica na Formação de Professores (PUCPR, 2010), Professor Adjunto do Departamento de Educação e da Coordenação de Tecnologia na Educação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Líder da linha de pesquisa Tecnologias Digitais e Educação: Sobreposições Teórico-Práticas do grupo de Pesquisa em Inovação, Desenvolvimento e Aplicação de Tecnologias Digitais na Educação (UTFPR).

Abstract

Brazilian research on E-learning has grown exponentially since 1996, when the Law guidelines and bases of national education opened the doors to the modality for Higher Education. However, the large number of national studies on the subject has revealed a gap in research on aspects of living and cultural manifestations - especially relational - that are established in virtual study environments. Part of the gap is due to a scientific fear of not being in possession of the correct instruments for the work, a fear that comes to a great extent from a moment of an academy doubt on the cultural nature of the virtual communities: are they new cultures born by the possibilities of information and communication technologies (ICTs) or virtual cultural manifestations adapted from those already present in the "real world"? Based on high quality works on the subject, especially in the English author Hine (2005 and 2008), which preaches important adaptations to the traditional principles of ethnographic research (such as those of Geertz, 1989) for virtual cultural research, and based on the understanding of communities as sociological formations discursively delimited, proposed by Mey (2001), this article intends to provoke a little more the discussion on the subject proposing that the overcoming of the observed gap depends, above all, on a (pro) positive attitude regarding the challenge dimension. The article, the result of an epistemological effort to construct a methodological basis for research that we have conducted on relational factors in virtual environments, also proposes four super-categories of research that are intended to be more stable for the cultural investigation of groups in cyberspace and an initial proposal of research on the bias of the linguistic manifestation, with no intention of being a methodological recipe

Key-words: E-learning; Virtual ethnography; Virtual learning environments; Research in Education; Virtual methods.

A pesquisa brasileira sobre EAD: ainda lacunar

O Brasil, ainda que atrasado em relação às experiências tecnológicas realizadas por países mais desenvolvidos, vem ousando significativamente em Educação à Distância (EAD) desde que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – n. 9.394/96) abriu as fronteiras da Educação Superior para a modalidade. A EAD tem vivido, na graduação e na pós-graduação, a despeito de (e *em respeito a*) toda a regulamentação criada e implementada, um crescimento para além das previsões mais otimistas, quantitativa e qualitativamente. O Censo EAD Brasil 2015 (ABED, 2015, p.115), nos mostra o seguinte:

Tabela 1 – Oferta de cursos regulamentados totalmente à distância e semipresenciais em nível superior.

Tipo de curso	Modalidade de curso	Totalmente à distância	Semipresenciais
Superior sequencial: formação específica		43	26
Superior sequencial: complementação de estudos		221	18
Superior: Graduação – bacharelado		148	474
Superior: Graduação – licenciatura		258	177
Superior: Graduação – bacharelado e licenciatura		139	189
Superior: Graduação – tecnologias		241	206
Superior: Pós-Graduação – <i>lato sensu</i>		1.079	294
Superior: Pós-Graduação – <i>lato sensu</i> MBA		197	50
Superior: Pós-Graduação – <i>stricto sensu</i> – Mestrado		7	19
Superior: Pós-Graduação – <i>stricto sensu</i> – Doutorado		0	3
	TOTAIS	2.333	1.456
	TOTAL GERAL		3.789

Fonte: adaptado da tabela 2.10 em ABED, 2015 (p.115)

Por isso mesmo, a pesquisa em Educação sobre a EAD cresce exponencialmente, versando sobre diversas faces do processo. No Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (2017), utilizando como termos de busca “ensino à distância” e “educação à distância”, tivemos por resultado 621 grupos brasileiros com atividades de pesquisa sobre a modalidade. Já no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, a relação de trabalhos defendidos no país contendo “educação a distância” como descritor apresenta um crescimento de 484% (quatrocentos e oitenta e quatro por cento) em vinte anos: de 13.184 trabalhos em 1996 a 63.903 em 2016 (CAPES, 2017).

Boa parte dos trabalhos sobre EAD orbita a formação do professor para EAD, o desenvolvimento de métodos e técnicas de ensino específicas para EAD, estudos de casos focalizados, o desenvolvimento de objetos de ensino-aprendizagem ou o *design* de arquiteturas de AVA³. Um olhar mais detido revela a escassez de investigações sobre a natureza e dinâmica das relações professores-alunos e alunos-alunos que se estabelecem em programas de EAD cuja mediação seja basicamente virtual, com utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC), individualmente, ou de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), como coleção de soluções de relacionamento e comunicação. As poucas exceções são estudos sobre aspectos funcionais das relações, que são objetos de regulamentos que definem as atribuições de cada um nos programas, de análise comparativa da prática pedagógica nos ambientes não-presenciais ou de resultados mensuráveis da aprendizagem na modalidade à distância. Não nos temos arriscado muito no trato da natureza e dinâmica *culturais* das relações humanas pedagógicas que se desenvolvem em tais programas e suas implicações diretas para o desenvolvimento e

³ Ambientes virtuais de aprendizagem.

desempenho dos papéis docente e discente.

Este domínio de estudo ainda pouco explorado na pesquisa brasileira guarda elevada importância quando nos damos conta, ainda que em termos de senso comum, de que

[...] ao discutirmos a EAD estamos falando do processo de produzir significados, de transmitir conhecimento, de formar cidadãos competentes para atuarem profissionalmente ou socialmente, ou seja, estamos tratando de educação (STRUCHINER e GIANELLA, 2001, apud NOBRE, 2005, p.2-3).

Produção de significados, formação de cidadãos: ações que se realizam somente no âmbito da *interação simbólica humana*, ou seja, no âmbito *cultural*, o que supera e difere em muito da investigação da relação usuário/interface/ambiente ou das soluções de transposição didática divisadas por tutores bem preparados.

O desafio da pesquisa virtual de grupos culturais: investigando as culturas do espaço virtual

O “silêncio” da pesquisa das relações humanas (pedagógicas ou não) nos grupos culturais que não se constituem num mesmo espaço-tempo não é todo fruto de má-vontade, mas bastante da complexa necessidade de substituição de paradigmas de pesquisa cultural, uma substituição tão necessária quanto são diferenciadas as condições dos grupos culturais que se formam em programas educacionais à distância de alcance territorial muito grande; ainda mais quando a maior parte da mediação das relações se dá em espaços virtuais como os AVA.

A pesquisa das relações humanas, eminentemente cultural e, portanto, etnográfica, se realiza classicamente a partir de pressupostos antropológicos e sociológicos que tradicionalmente exigem, para garantia de fidedignidade, observação direta (*in loco*) do ambiente cultural pesquisado, em imersão cultural prolongada (por vezes, anos), observações e anotações constantemente revisadas (SARMENTO, 2003; GEERTZ, 1989). Mas e quando o local físico simplesmente não existe? E quando a entrada, interação e permanência dos sujeitos do grupo cultural em seu espaço virtual dependem apenas de sua vontade? E quando fatores comportamentais extralinguísticos (considerados importantes dados da cultura) não podem ser diretamente observados ou recuperados? E quando a longa permanência de observação não é possível porque certos grupos culturais baseados em espaços virtuais simplesmente não duram o tempo suficiente para isso? Negar que em tais situações haja grupos culturais seria impraticável: há normas, ética, estética, objetivos, ritos, linguagem, produtos, valores e

simbologia próprios para esses grupos – ou seja, tudo que dá suporte à identificação de uma cultura ou, no mínimo, de uma manifestação cultural coesa. É do encontro de nossa inquietação diante dessa realidade antagônica a quase tudo que conhecemos com nosso receio natural de desafiar tudo que é rigorosamente estabelecido na ciência que deve nascer a percepção de que, para compreender em toda a sua importância as relações humanas que se estabelecem nesses grupos cada vez mais comuns na EAD é preciso propor um novo entendimento não só do objeto de pesquisa, mas especialmente do *status* do pesquisador.

Hine (2008), dentre os autores mais importantes na atualidade para a discussão desse assunto, apresenta a posição mais inovadora e provocativa para a investigação cultural de grupos sociais virtuais:

A interação face-a-face e o discurso de ter viajado a locais distantes tiveram papel preponderante para a percepção de autenticidade de descrições etnográficas. Um meio limitado como as CMC (comunicações mediadas por computador) parece ser problemático para o clamor etnográfico de que o conhecimento é validado pela experiência e interação. A posição muda um tanto se reconhecermos que um etnógrafo poderia ser identificado como alguém que tivesse experiências similares àsquelas de seus informantes, não importando como essas experiências fossem mediadas. Conduzir uma pesquisa etnográfica com a utilização de CMC abre a possibilidade de uma compreensão reflexiva sobre o que seja fazer parte da Internet. Isso traz simetria à etnografia, pois o etnógrafo aprende utilizando o mesmo meio que seus informantes. (...). Esses desenvolvimentos abrem espaço para pensar a etnografia como uma forma experiencial de conhecer que não precisa aspirar a um estudo holístico de uma cultura espacialmente delimitada. Isso cria uma oportunidade de repensarmos a natureza do objeto etnográfico e reformularmos os pressupostos tradicionais da ligação etnográfica entre pesquisador e campo de estudo. (HINE, 2008, p.10. Original em inglês. Tradução nossa).

Numa proposta de pesquisa cultural para grupos virtuais, o longo tempo de imersão precisa, portanto, ser substituído pela função da qualidade da experiência comum entre pesquisador e pesquisados (HINE, 2008) combinada a um design cuidadoso de procedimentos de forma a ser possível recolher e analisar dados em tempo hábil para que a pergunta e os objetivos da pesquisa possam ser resolvidos. Essas condições básicas permitem que um estudo efetivamente cultural possa ser realizado e suas constatações tenham respeitado o “rigor científico auto-vigilante” (SARMENTO, 2003), a fidedignidade específica das ciências humanas e sociais.

A tecnologia dos ambientes virtuais: artefato e ferramenta cultural, não cultura em si

Um dos grandes riscos da pesquisa cultural aplicada aos grupos virtuais é ceder à tentação de dar à tecnologia um papel demiúrgico. Hine (2008, p.4) nos alerta que

[...] ao invés de a tecnologia ser [*compreendida como*] um agente de mudança [*social e cultural*] em si mesma, os usos e compreensões [que os usuários fazem e têm] da tecnologia [*é que*] são [*elementos*] centrais [*para seu estudo e análise*]. (Original em inglês. Tradução nossa).

Mais adiante, continua: “Os estudos sobre a Internet realizados até o momento a têm (...) grandemente negligenciado como *artefato cultural*” (Original em inglês. Tradução e grifo nossos), privilegiando, então, um ponto de vista ainda sob grande disputa de que ela tenha constituído uma nova cultura. O entendimento da Internet (aqui compreendida como hiperônimo de todas as TIC nos cenários virtuais) que assumimos é este: artefato e ferramenta cultural cujo entendimento e aplicação dependem primordialmente de seus usuários.

Temos, até aqui, dois pontos importantes de reflexão para a pesquisa cultural em grupos virtuais: **1)** os grupos sociais formados sob mediação de TIC, como turmas de Educação Superior à distância cujos estudos sejam mediados em AVA, são grupos que desempenham no espaço virtual manifestações culturais de pleno direito, realizando ali atividades e relações também pertinentes à vivência do ensino presencial. Podem, então, ser pesquisados em suas dimensões culturais – especialmente relacionais, no caso da Educação –, mas exigem rigor e cautela na adaptação das metodologias de pesquisa tradicionais para que se aborde sua realidade peculiar. **2)** Na pesquisa desses grupos, a constante primazia dada ao fator tecnológico tem pervertido o princípio de que quem gera e movimenta novas manifestações culturais é o homem ao trabalhar com novo instrumental. É necessário resgatar, nesse tipo de pesquisa, a compreensão de que o que se está investigando é a manifestação de culturas em novos suportes, e não, ao menos agora, novas culturas gestadas nesses novos suportes.

Isso tudo nos traz a um terceiro ponto: **3)** a necessidade de definirmos categorias de pesquisa e análise mais constantes que se provem úteis à investigação da Educação que se realiza *com e por* grupos virtualmente mediados. Partindo do reconhecimento da natureza fundamentalmente linguística⁴ das interações humanas nos ambientes virtuais, atrevemo-nos a sugerir pelo menos quatro supercategorias de pesquisa que auxiliam a delimitação de objetivos, métodos e técnicas investigativas.

⁴ Aqui no sentido estrito de linguagem: verbal ou não, manifestada por palavras ou outros signos quaisquer com função de comunicação de uma ideia.

Quatro supercategorias de pesquisa: apontamentos do caminho da investigação

Uma pesquisa de viés cultural, qualitativa, só se pode realizar satisfatoriamente se tiver como ponto de partida categorias orientadoras a partir das quais outras se possam construir, ou como novas categorias autônomas ou subcategorias daquelas instituídas *a priori* à medida que as informações forem sendo sistematizadas. É a partir da natureza fundamentalmente linguística das interações nos ambientes virtuais, conforme afirmamos antes, que propomos quatro categorias primeiras, iniciando pela de maior relevância para o entendimento do objeto de investigação – depois dela, as outras *não* se apresentarão em forma hierarquizada de importância.

Chamamos as categorias aqui propostas de supercategorias de pesquisa porque, ao seguirmos o pensamento de Gamboa (2007), as reconhecemos como suficientemente abrangentes e complexas, relacionadas a questões culturais (ou seja, de tempo, espaço e movimento dos grupos) e, via de regra, estarem todas imiscuídas aos princípios fundadores de categorias outras que possam ser posteriormente elencadas⁵.

➤ Cultura e linguagem

Para esta supercategoria, que orienta toda pesquisa na área das interações humanas (como as pedagógicas), nosso entendimento é antropológico, na concepção de Geertz (1989, p.15):

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (Grifo nosso).

A implicação à linguagem, substrato fundamental das relações em ambientes virtuais, da noção cultural geertziana de “teias de significado” que abrem espaço a “uma ciência interpretativa, à procura do significado” é imediata, reforçando-se pela afirmação do autor de

⁵ A proposição do esquema paradigmático para análise de teses, de Gamboa (2007), chama “categorias ontológicas” estas altamente abrangentes, que podem ser identificadas como fundadoras de todo esforço de pesquisa de uma determinada área. Preferimos usar o nome de supercategorias de pesquisa para evitarmos o debate em torno das implicações do termo “ontológicos” na seara das grandes escolas de pesquisa.

que “A cultura é pública porque o significado o é” (idem, p.22); a significação é primordialmente um processo linguístico. O que está mais próximo das lentes do pesquisador como manifestações culturais nos ambientes virtuais? As manifestações linguísticas e demais manifestações estéticas, sígnicas (semióticas). Abordar os grupos virtuais pela sua expressão verbal ou semiótica manifesta pela sua *linguagem* é o coração do método de abordagem cultural que acreditamos mais frutífero para esse espaço tão fluido.

Ainda que falando do lugar da antropologia psicológica, Hall (1989) complementa a noção de Clifford Geertz (que fala do lugar da antropologia mais “pura”, de hermenêutica austera) ao alertar para o fato de que:

Ainda assim, paradoxalmente, poucos antropólogos concordam sobre o que se pode incluir sob a categoria “cultura”. Ainda que isto seja negado por alguns, muito da resposta depende da cultura do próprio antropólogo, a qual exerce uma influência profunda e duradoura não apenas sobre o que o antropólogo pensa, mas sobre o lugar em que demarca limites em tais assuntos. (HALL, 1989, p.12. Original em inglês. Tradução nossa).

Esta colocação nos alerta, também, para a inevitabilidade da inscrição do pesquisador, pela sua cultura, no discurso da análise cultural. Se a posição epistemológica de Hall não repete literalmente a de Geertz na definição geral de cultura⁶, neste aspecto os autores não se contradizem. Geertz, inclusive, faz alerta semelhante:

Nos escritos etnográficos acabados, (...) esse fato – de que o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem – está obscurecido, pois a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma idéia, ou o que quer que seja está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente. (Mesmo revelar que [*um certo*] drama ocorreu nas montanhas do Marrocos central em 1912 – e foi novamente contado aqui em 1968 – é determinar muito da nossa compreensão dele.) Nada há de errado nisso e, de qualquer forma, é inevitável. (...). Bem no fundo da base factual, a rocha dura, se é que existe uma, de todo o empreendimento, nós já estamos explicando e, o que é pior, explicando explicações.

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmas interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um “nativo” faz a interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura.) (GEERTZ, 1989, p.19).

(Nota no livro *complementando e problematizando a afirmação acima*.) O problema da ordem, novamente, é complexo. Trabalhos antropológicos

⁶ Talvez o fator mais importante que separe as visões seja a fonte epistemológica histórico-descritiva de Geertz em oposição à psicanalítica de Hall, mas essa diferença de fundamentos iniciais não impede que se complementem no que tange a algumas implicações metodológicas da pesquisa.

baseados em outras obras antropológicas (Lévi-Strauss, por exemplo) podem ser até de quarta mão ou mais, e mesmo os informantes frequentemente, até mesmo habitualmente, fazem interpretações de segunda mão – o que passou a ser conhecido como “modelos nativos”. Nas culturas mais adiantadas, onde a interpretação “nativa” pode alcançar níveis mais elevados, (...) esses temas se tornam, na verdade, muito intrincados. (Idem, p.25).

Dessa forma, cai o argumento frequente de que não se consegue precisão absoluta na descrição e análise das manifestações culturais virtuais. E cai pela simples constatação de que nem nos casos de culturas geograficamente delimitadas e acessíveis ao longo tempo de exposição direta isso é plenamente possível: a descrição da cultura depende muito *da* e repete adaptativamente *a* própria cultura do pesquisador, sem que isso necessariamente constitua erro ou imprecisão grave nas ciências humanas e sociais.

Ao analisarmos grupos virtuais pelo viés de suas formas de comunicação, estaremos sempre na seara da cultura, com suas vantagens e limites para a pesquisa.

➤ Formação societal

Conceito emprestado da Linguística Pragmática, a formação societal é um ambiente discursivamente definido e delimitado de prática cultural cujos participantes – chamados *atores* – desempenham papéis (vozes) diversos e intercambiáveis dentro de uma *lógica discursiva partilhada*. Não pode haver formação societal sem vozes, nem o oposto. Desta forma, seria improdutivo apresentar tais conceitos independentemente. Mey (2001) nos apresenta o entendimento de voz:

Tomar uma formação societal como texto implica atribuir vozes: primeiramente, falantes e ouvintes, mas também eventuais espectadores, ouvintes desconhecidos, leitores (próximos e distantes, tanto no tempo como no espaço), juízes, pesquisadores etc. Uma voz pressupõe um papel [*role*], um personagem; portanto, uma atividade, um papel (p.19).

Para além desta apresentação inicial, o autor identifica o conceito de formação societal com

(...) um conjunto de laços e relações sociais através dos quais os indivíduos estão ligados. Entretanto, é preciso que fique bem claro que essas formações são criadas pelas próprias vozes empregadas pelos personagens, e que nunca estão fixadas, reguladas, totalmente determinadas (Idem, p.20).

Portanto, até este momento, temos que *elementos e vivências culturais* se manifestam linguisticamente em *formações societais* (grupos de interesses e práticas discursivas partilhadas) em que pessoas assumem papéis diferentes em momentos diferentes, quer isso

ocorra no “mundo real” ou “virtual” – reforçando a possibilidade de se investigar a cultura neste último espaço.

➤ Discurso e ideologia

O discurso é a manifestação encarnação linguística de valores por meio da qual a realidade é negociada e partilhada entre os grupos sociais (formações sociais) que formam um povo, uma civilização. Acima de tudo, o discurso é uma entidade cultural e, como tudo na cultura, ideologicamente determinado. Compreendemos a ideologia, aqui, como a penetração e veiculação, no discurso e outras manifestações culturais, dos valores fundantes das formações sociais que ele traduz e legitima; a ideologia é o porto de destino da viagem que leva da superfície à profundidade do que é enunciado coerentemente dentro de um cenário cultural, tirando da língua sua pretensão de ser veículo transparente.

Como objeto simbólico realizado dentro de outra construção simbólica mais geral (a língua), formado por signos arbitrariamente construídos e negociados, o discurso individual realizado dentro dos limites de significação de uma formação social específica não pode ser tomado por mera expressão livre do indivíduo. Diz Marcondes (2002):

Um primeiro elemento para a caracterização da ideologia na linguagem pode ser identificado no fato de que a linguagem se apresenta como transparente, como sendo produzida pelo sujeito e estando sob seu controle. Vemos, contudo, que este caráter é ilusório, uma vez que são verdadeiramente as instituições que estabelecem as convenções e práticas linguísticas, (...) constituindo e condicionando a possibilidade de os falantes aparecerem como sujeitos linguísticos. (p.31).

É do campo do discurso que vêm os dados mais valiosos das pesquisas de grupos culturais virtuais, pois os papéis nas formações sociais são tão ideológica e discursivamente marcados quanto o discurso que se constrói e se externa por eles.

Metodologicamente, alguns princípios têm-se provado mais úteis na investigação cultural de base linguística, como na pesquisa dos ambientes virtuais. Talvez o mais interessante deles seja a abordagem inicial dos dados pelo método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1995). Essa abordagem permite a observação detida e triangulada das diversas manifestações na busca pelas recorrências e valências mais importantes no discurso manifesto. Ainda que a Análise do Conteúdo não seja um método fechado de pesquisa em si, é certamente expediente valioso para a primeira abordagem dos dados linguísticos sob qualquer opção epistemológica de investigação. O rigor de leitura que ela pressupõe permite o delineamento de categorias *a*

posteriori para tratamento.

➤ Identidade

A questão da identidade em pesquisas de comunidades virtuais de aprendizagem é um dos tópicos que têm merecido maior atenção nas pesquisas do espaço virtual de convivência, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. A identidade assume diversas facetas de estudo: as questões de gênero na comunicação e convivência virtuais; a exploração das “vidas virtuais” – utilização de ambientes como Second Life e Active Worlds, por exemplo, para viver por avatares um tipo de vida diferente daquele que se tem no “mundo real” ou mesmo utilizá-los como “laboratório de testes da vida real” etc.; o nível de confiabilidade das respostas dadas a entrevistas realizadas *on line*, como pesquisas de opinião e satisfação aleatórias – incluindo especialmente as questões de representatividade dos respondentes – e assim por diante.

Pesquisas culturais no ambiente virtual só podem ser eficazes quanto à (e mesmo *a despeito da*) identidade dos respondentes sob algumas condições: **a**) uma vez que o grupo pesquisado seja bastante uniforme quanto às ações e atitudes pesquisadas num ambiente virtual constituído para uma finalidade específica (ou seja: que o grupo constitua uma formação societal reconhecível); **b**) uma vez que os questionamentos dirigidos ao grupo pesquisado sejam construídos com o cuidado de abrirem espaço para a manifestação informativa e/ou argumentativa, ao invés de cederem a tentações narrativas – que muito facilmente podem-se reverter para ficção ou exposição de lugares-comuns menos críticos (a não ser, é claro, que se esteja pesquisando justamente narrativas ficcionais específicas, como ocorre nos *fanfics*⁷); **c**) dado que a abertura de objetivos, persuasão argumentativa e demonstração de interesse do pesquisador pelas respostas do grupo pesquisado consigam criar uma aproximação que permita, sempre que necessário, que os pesquisados possam – e queiram – ampliar sua participação; **d**) quando os pesquisados tenham a noção de que, ainda que falando por si, sua voz constituirá, com tantas outras, um texto polifônico e relevante sobre algo que os envolve muito diretamente. Ao assumirem o objetivo comum de discutir abertamente um tópico de interesse partilhado que lhes seja apresentado de forma provocativa e objetiva, comunidades culturais do espaço virtual

⁷ *Fanfic* é termo reduzido criado para se falar de *fan fiction*, textos de ficção criados por fãs de determinadas séries ou personagens como alternativas àquilo que foi “oficialmente” criado pelos autores de direito. Há centenas de *sites* de *fanfics* dedicados à criação individual ou coletiva livre de histórias de Harry Potter, por exemplo, com dezenas de milhares de páginas e títulos criados por “autores anônimos” de todo o mundo, elaborando o panorama conceitual e ideológico original da série de livros de J.K. Rowling. Talvez o mais importante deles no Brasil seja o Floreios e Borrões (<http://www.floreioseborroes.net/>), com mais de 23.000 (vinte e três mil) dessas histórias postadas por mais de 108.000 usuários falantes de português.

participarão produtivamente da investigação.

Tendo estas condições atendidas, a identidade civil dos respondentes se torna quase irrelevante. Caso o *design* da pesquisa não exija metodologicamente pedir-lhes nome e *e-mail* para possíveis contatos de ampliação da discussão, não há outra razão para que se precise rastreá-los ou identificá-los individualmente. Respeitadas as condições expostas, a representatividade discursiva do grupo tem maior importância do que seus participantes individualmente⁸, exatamente porque a cultura, de um modo geral, e o discurso, particularmente a cada grupo social, são identidades coletivas. Em termos práticos, o discurso manifesto é a identidade do grupo que o pratica.

Alguns dos estudos mais atuais que embasam a proposição de pesquisa feita neste artigo são os seguintes: Adam N. Joinson (2005), ao estudar a implicação do comportamento dos grupos virtuais para o *design* de métodos de pesquisa específicos; Joëlle Kivits (2005), que se aprofunda nas questões das relações de pesquisa em entrevistas realizadas *on line*; Shani Orgad (2005), que tem valiosa investigação sobre o movimento de aproximação do *on line* para o *off line* entre entrevistadores e entrevistados; Jason Rutter e Gregory W.H. Smith (2005), que ampliam a discussão entre a presença etnográfica no ambiente virtual, que tende a ser bastante nebuloso, e Mário J.L. Guimarães Jr. (2005), que discute grupos sociais virtuais e os limites de realização da Antropologia no ciberespaço: todos geradores de artigos valiosos, publicados, também de forma pioneira, por Christine Hine (2005).

Em complementação, a tese de doutoramento de Kucharski (2010) desenvolveu-se como a primeira no Brasil a utilizar uma metodologia de pesquisa totalmente afeta à etnografia virtual. De diferente, e contributivo, o fato de a pesquisa ter-se dado *ex-post-facto*, a partir, unicamente, dos registros linguísticos escritos das interações humanas realizadas ao longo da duração dos cursos pesquisados de formação continuada de professores. Esta pesquisa teve sua metodologia bem mais aprofundadamente desenvolvida, em parceria com princípios da Análise do Discurso Pragmática. Como discussão de resultados desse trabalho, também se indica a leitura de Kucharski (2016).

Considerações finais

⁸ Sempre, é claro, respeitados os limites do *design* da pesquisa: se questões de gênero, identidade civil, opções individuais etc. forem categorias de pesquisa, estas devem estar metodologicamente previstas e serem respeitadas em suas exigências e importância. O que se argumenta aqui é que, também de acordo com os objetivos e o *design* da pesquisa, essas categorias não são necessariamente condições *sine qua non* de fidedignidade.

A pesquisa brasileira sobre EAD, ainda que cada dia mais numerosa, carece de aprofundamento em questões provocativas que são especificidades da modalidade. Dentre elas, as que se referem às relações humanas (pedagógicas ou não) que se instituem em ambientes virtuais de Educação são as maiores vítimas do grande silêncio.

Este silêncio, entretanto, não é sinônimo de menosprezo da questão virtual, mas parece manifestar um receio científico de abordar um fenômeno muito importante sem que se esteja em posse do instrumental teórico-metodológico adequado. Parte deste receio certamente vem da inconstância de aproximação das questões dos agrupamentos sociais virtuais, ora como se fossem uma nova cultura ora como novas formas de manifestação cultural adaptadas de práticas sociais instituídas no “mundo real”.

O grande objetivo deste artigo é demonstrar a necessidade e a possibilidade de a academia buscar compreender cada vez mais o que se passa na Educação à Distância que, a cada dia, se move mais no sentido da virtualização de seus grupos e processos e, mais do que tudo, que esta busca precisa iniciar pela “simples” adoção de um posicionamento proativo diante do desafio.

De uma forma bastante simplificada, que é como cabe fazer em poucas páginas, propomos que, independentemente da discussão sobre o *status* cultural das comunidades virtuais, uma vez que se faça uma opção inicial de abordagem, há instrumental bastante desenvolvido na Antropologia, na Sociologia, na História, na Psicologia, na Linguística etc. para balizar o *design* da pesquisa e argumentar pela fidedignidade de seus resultados.

Também de forma simples, indicamos um caminho que é nosso porque resulta diretamente de nossa formação científica: definir as comunidades virtuais como grupos de manifestação cultural fundamentalmente discursiva e, a partir disso, abordá-las em suas manifestações comunicativas pelo viés da Análise do Conteúdo, em primeiro lugar, e optar, a partir das categorias que se forem formalizando, entre “n” possibilidades de análises aprofundadas do que se passa dentro delas – análises que precisam, para o bem da pesquisa educacional sobre a EAD nos ambientes virtuais, ultrapassar a ótica simplista da análise instrumental ou da prescrição de boas práticas funcionais para cada ator do grupo. Obviamente que este processo, como foi dito, resulta de nossa própria formação, e não precisa – nem deve – ser fórmula de pesquisa; ele pode ter as mais diversas configurações de acordo com os interesses e a opção metodológica de cada pesquisador.

O que é preciso, em suma, é assumir uma atitude mais (pro) positiva de pesquisa para compreendermos o que se passa tipicamente na Educação realizada virtualmente, e isso, é claro, também passa por esforços de pesquisa do estado da arte da investigação internacional do

assunto e pela tradução de autores importantes para o português. O mais importante de tudo, neste momento, é que esta provocação venha alertar aqueles que desejam se dedicar à pesquisa dessa modalidade de Educação de que já há uma grande discussão internacional sobre o assunto e, mais que isso, instrumental desenvolvido e eficaz, num bom *design* de pesquisa, para que frutos ainda mais promissores desse tipo de investigação apareçam, muito em breve, também aqui no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EAD Brasil, 2015.**

Disponível em http://abed.org.br/arquivos/Censo_EAD_2015_POR.pdf. Acesso em 07 JUN 17.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Banco de Teses e Dissertações**. Disponível em <http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>. Acesso em 07 JUN 17.

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq**. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em 07 jun 17.

GAMBOA, Silvio S. **Pesquisa em Educação: Métodos e epistemologias**. Chapecó (SC): Argos, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUIMARÃES JR., Mário J.L. Doing Anthropology in cyberspace: fieldwork boundaries and social environments. In HINE, Christine (ed.). **Virtual methods: issues in social research on the Internet**. New York: BERG, 2005.

HALL, Edward T. **Beyond culture**. 15.ed. New York (USA): Anchor Books/Doubleday, 1989.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: SAGE, 2008.

_____ (ed.). **Virtual methods: issues in social research on the Internet**. New York: BERG, 2005.

JOINSON, Adam N. Internet behaviour and the design of virtual methods. In HINE, Christine (ed.). **Virtual methods: issues in social research on the Internet**. New York: BERG, 2005.

KIVITS, Joëlle. Online interviewing and the research relationship. In HINE, Christine (ed.). **Virtual methods: issues in social research on the Internet**. New York: BERG, 2005.

KUCHARSKI, Marcus Vinicius S. **Relações pedagógicas interpessoais num ambiente virtual de aprendizagem**: etnografia virtual de uma (des)construção. Tese de Doutorado em Educação. 263 f. Pontifícia Universidade Católica do Paraná: 2010. Disponível em http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1775. Acesso em 07 jun 17.

_____. *A rede desenredada: consequências da não consideração da voz do bom senso pedagógico na educação à distância*. In PRYJMA, Marielda F.; OLIVEIRA, Oséias S. de. **O desenvolvimento profissional docente em discussão**. Curitiba: UTFPR Editora, 2016. (p.341-364) Disponível em <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1602/7/desenvolvimentoprofissionaldocente.pdf>. Acesso em 07 jun. 17.

MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Cortez, 2000.

MEY, Jacob L. **As vozes da sociedade**: Seminários de pragmática. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

NOBRE, Cláudia V. **Dialogando com os vários atores envolvidos no processo de transição de tutoria presencial para a tutoria a distância em programas de educação a distância**. 2005. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/127tcf5.pdf>. (23/01/2008). Acesso em 07 jun. 17.

ORGAD, Shani. From online to offline and back: moving from online to offline relationships with research informants. In HINE, Christine (ed.). **Virtual methods: issues in social research on the Internet**. New York: BERG, 2005.

RUTTER, Jason & SMITH, Gregory W.H. Ethnographic presence in a nebulous setting. In HINE, Christine (ed.). **Virtual methods: issues in social research on the Internet**. New York: BERG, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em Educação. In ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília P. de e VILELA, Rita Amélia T. **Itinerários de pesquisa**: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília P. de e VILELA, Rita Amélia T. **Itinerários de pesquisa**: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.